

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS**

JHONATAN ARMINDO MENDONÇA

ARTE CONTEMPORÂNEA: QUALQUER COISA É ARTE?

CRICIÚMA - SC

2017

JHONATAN ARMINDO MENDONÇA

ARTE CONTEMPORÂNEA: QUALQUER COISA É ARTE?

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Sérgio Honorato

CRICIÚMA - SC

2017

JHONATAN ARMINDO MENDONÇA

ARTE CONTEMPORÂNEA: QUALQUER COISA É ARTE?

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas – Linguagens.

Criciúma, junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Sérgio Honorato - Mestre em design comunicação e expressão - (UFSC) -
Orientador

Prof.^a Daniele Cristina Zacarão Pereira- Especialista em educação estética -
(UNESC)

Prof. Tiago da Silva Coelho - Mestre em História (PUCRS)

**Dedico às pessoas que de alguma forma
contribuíram para realização deste trabalho.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder saúde para que eu alcançasse esta conquista.

A minha esposa Maiara pelo companheirismo e carinho em todos os momentos. Aos meus amigos e colegas que direta ou indiretamente contribuíram na realização desta pesquisa e na minha jornada enquanto acadêmico.

Agradeço a coordenação do curso de artes visuais, a todos os professores e colaboradores.

Ao meu professor orientador Sérgio, por toda sua dedicação voltada ao desenvolvimento desta pesquisa, muito obrigado!

“Em todas as coisas o sucesso depende de uma preparação prévia, e sem tal preparação o falhanço é certo. ”

Confúcio.

RESUMO

A presente pesquisa intitulada 'Arte contemporânea: qualquer coisa é arte?', realizada no Curso de Artes Visuais bacharelado da UNESC, está inserida na linha de Pesquisa Processos e Poéticas – Linguagens: que trata das concepções teóricas e processos de criação contemplando as linguagens artísticas. Arte, linguagens e contextos dos fenômenos visuais. A pesquisa apresenta um pensamento reflexivo ligado à minha concepção artística pessoal. Por intermédio da pesquisa bibliográfica e coleta de dados, serão apresentadas abordagens da arte contemporânea e como alguns autores tais como Ferreira Gullar (1993), Luciano Trigo (2009), entre outros, apresentam indícios de que a falta de técnicas de produção e cuidado nos acabamentos de alguns objetos de arte, está fazendo com que ela esteja se deteriorando. Em contrapartida apresento um pouco do pensamento de Marcel Duchamp sobre o Ato Criador. O foco da pesquisa encontra-se no estudo desses problemas de aparentes falta de técnicas de acabamento para a elaboração de alguns objetos de arte contemporânea, e como os autores citados acima discutem como este elemento devia ser mais explorado pelos artistas contemporâneos. Ao final da pesquisa conclui-se que a problemática não seria a arte contemporânea em si, e sim o modo de como alguns artistas desenvolvem suas produções artísticas contemporâneas.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Técnicas artísticas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vaso François, 570 a 560 a.C.....	18
Figura 2 - Metaesquema número 348. 1958	23
Figura 3 - Relevo espacial (vermelho) REL 036. 1959.....	24
Figura 4 – Parangolés Hélio Oiticica	24
Figura 5 - Mona Lisa de Geleia de Uva e Mona Lisa de Manteiga de Amendoim. 1999	26
Figura 6 - O Nascimento de Vênus, depois de Botticelli (Imagens de Lixo). 2008	26
Figura 7 - Marat Sebastião. 2008.....	27
Figura 8 - A Fonte, Duchamp. 1917	29
Figura 9 - Sanitário público Grécia antiga	30
Figura 10 - Sanitário público Grécia antiga II	31
Figura 11 - Sanitário. 1883.....	32
Figura 12 - Mictório Fiori	39
Figura 13 - Canetas Posca.....	40
Figura 14 - Esboço	41
Figura 15 - Desenho coruja (técnica nanquim com caneta hidrocor)	42
Figura 16 - Desenho águia (técnica nanquim com caneta hidrocor)	42
Figura 17 - Desenho caveira (técnica nanquim com caneta hidrocor)	43
Figura 18 - Etapas da obra.....	44
Figura 19 - Etapas da obra II.....	44
Figura 20 - Etapas da obra III.....	45
Figura 21 - Etapas da obra IV	45
Figura 22 - Teste feito em caneca, já envernizado.....	46
Figura 23 - Etapas da base	47
Figura 24 - Etapas da base II	47
Figura 25 - Etapas da base III	47
Figura 26 - Etapas da base IV.....	48
Figura 27 - Obra finalizada.....	48
Figura 28 - Obra finalizada II.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
A.C	Antes de Cristo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	13
3 CONCEITO DE ARTE	15
3.1 ARTE CLÁSSICA	17
3.2 ARTE CONTEMPORÂNEA.....	19
3.3 BELO E O FEIO	20
3.4 HÉLIO OITICICA	22
3.5 VIK MUNIZ	25
3.6 MARCEL DUCHAMP	28
4 PROCESSO DE PESQUISA.....	33
4.1 POÉTICA PESSOAL – COMPOSIÇÃO DA OBRA	36
4.1.1 MATERIAIS	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Desde criança gostava muito de desenho e tudo aquilo que envolvia arte. Conforme fui crescendo fui gostando cada vez mais de arte ou do que entendia por ela e meu destino sempre foi me guiando pelo caminho dela, até ingressar na graduação em artes visuais.

No decorrer do meu estudo acadêmico pude ver de perto vários movimentos artísticos diferentes que nem passavam em minha cabeça existir ou até mesmo que aquilo fosse considerado arte.

Em vários momentos (quase todos) me deparei com a arte contemporânea, que ao meu ver seria um novo jeito de fazer arte. Inicialmente não foi de meu agrado, pois sempre gostei de algo mais concreto, de fácil entendimento ao público e que seria algo 'bonito', porém com meus estudos, em artes visuais comecei rever o conceito do belo e comecei a perceber que o que realmente importa no contemporâneo é a liberdade do artista de criar sem compromisso em agradar os olhos do público, e tão pouco importa as técnicas utilizadas, a mensagem que a obra quer passar e o impacto que ela causa é o que motiva na criação do artista.

No início fiquei bastante arredio em relação a esse tipo de arte, em que não importava a técnica nem agradar as pessoas que a fossem apreciar. Achava que grande parte dessas obras poderiam ser de pessoas preguiçosas e que queriam até mesmo se passar por artistas.

Se minha arte fosse assim, minhas produções seriam sem conceitos e sem um porque delas, apenas seriam produzidas por acaso, mas com o tempo e os estudos comecei a perceber que minhas produções, mesmo que sem querer ou saber, tinham um conceito, ou até mesmo uma mensagem, sendo ela subliminar até para mim que as estava produzindo. Compreendi então que o resultado dependia muito de meu humor, do que estava sentindo e até de como foi meu dia, ou seja, intimamente ligadas ao meu mundo estético.

Passei então a admirar o conceitual, mesmo não apreciando esteticamente algumas obras que conheci durante o processo acadêmico. Havia sempre um obstáculo entre eu e a arte contemporânea.

Durante o processo de produção e estudos desenvolvidas para este trabalho de conclusão, minha concepção sobre arte contemporânea sofreu mudanças.

Enquanto lia sobre as críticas e analisava peças de arte contemporânea, citada pelos autores, minha bagagem cultural foi se ampliando e aos poucos comecei a entender melhor aquilo que me incomodava. Achei interessante manter no texto esse processo de mudança para enfatizar como os estudos acadêmicos podem ajudar na construção de novos conhecimentos.

A partir desse entendimento, quero propor em meu projeto, algo talvez até audacioso. Alguns até tentaram me dissuadir de propor essa pesquisa por eu ser apenas um acadêmico de artes, porém é algo que precisava pôr para fora durante minha passagem pela faculdade, e achei que a melhor forma de me aprofundar nesse assunto seria então no trabalho de conclusão.

Comecei a ver que a arte contemporânea já estava se tornando algo maior, que às vezes apenas um borrão queria passar uma mensagem tão grande que até mesmo não cabia mais dentro da própria obra. Que o 'borrão' seria até mesmo uma desculpa para um pensamento que o artista teve, e muitas vezes sentia que o artista nem sabia como de fato representar esses conceitos.

Obras de arte contemporâneas produzidas com técnicas refinadas começaram a ficar raras de serem encontradas. Como técnica refinada me refiro a habilidade dos artistas com a linguagem usada, tanto de desenho, pintura, escultura e etc. Parecia que o contemporâneo estava se tornando uma arte 'preguiçosa', onde qualquer coisa poderia ser arte, bastava achar uma 'desculpa' para isso.

Alguns autores presentes nesta pesquisa, tais como Gullar (1993) e Trigo (2009) apontam que a arte contemporânea tenha entrado em uma zona de conforto, e que muitas vezes deixam a desejar no tempo em que o artista gasta para produzi-las e o seu empenho para isso tenha caído muito, fazendo com que muitos objetos fossem feitos de qualquer jeito. Já Duchamp afirma que no Ato Criador nem sempre a intensão coincide com a realização, por isso exista a "arte boa e a arte ruim". Penso que parte do próprio artista tenha que estar dentro delas e quando malfeitas, sinto que não esteja colocando o melhor de si na obra. Percebo que no momento atual da nossa sociedade, as pessoas já não têm mais tempo para dedicar-se a algo que gostam, porém quando há empenho, dedicando mais tempo para elaboração, o resultado tende a causar maior impacto, assim como as obras de Vik Muniz estudava mais à frente nessa pesquisa.

Trigo (2009, p.17) afirma que, como disse Kandinsky, “cada época cria uma arte que lhe é própria e que nunca renascerá.”

Com isso surgiu a ideia de unir o contemporâneo ao clássico, que seria uma maneira de mostrar e recolocar as técnicas usadas na arte, produzindo uma obra bela visualmente, carregada de conceitos característicos da arte contemporânea, resultando assim numa arte singular.

2 METODOLOGIA

Com a ideia de criar um objeto de arte contemporânea apresentando técnicas clássicas de produção artística, resolvi então produzir uma releitura da obra de Duchamp, 'A Fonte', que conforme o site Arte Fonte de Conhecimento¹, foi a obra que fez repercutir o seu nome ao redor do mundo, especialmente depois de sua morte. Ela foi baseada no conceito de *ready-made*: pensada inicialmente por Duchamp, que é o transporte de um elemento da vida cotidiana, a priori não reconhecido como artístico, para o campo das artes. A princípio como uma brincadeira entre seus amigos, entre os quais Francis Picabia e Henri-Pierre Roché, Duchamp passou a incorporar material de uso comum nas suas esculturas. Em vez de trabalhá-los artisticamente, ele simplesmente os considerava prontos e os exibia como obras de arte. Ele a enviou com a assinatura 'R. Mutt' - fábrica que produziu o urinol, lida ao lado da peça, para figurar entre as obras a serem julgadas para um concurso de arte promovido nos Estados Unidos. A escultura foi rejeitada pelo júri, uma vez que, na avaliação deste, não havia nela nenhum sinal de labor artístico. Com efeito, trata-se de um urinol comum, branco e esmaltado, comprado numa loja de construção e assim mesmo enviado ao júri. Entretanto, a despeito do gesto iconoclasta de Duchamp, há quem veja nas formas do urinol uma semelhança com as formas femininas, de modo que se pode ensaiar uma explicação psicanalítica quando se tem em mente o membro masculino lançando urina sobre a forma feminina.

Com minha releitura, quero fazer o uso da *ready-made* pegando um utensílio semelhante ao que Duchamp utilizou, porém, usando minha técnica e meu estilo de desenho ao preencher o objeto com minhas criações artísticas. Os desenhos representarão minha jornada na faculdade e meu crescimento com olhar crítico e artístico, fazendo então uma crítica a alguns objetos de arte contemporânea e tentando mostrar que mesmo que a obra seja conceitual, ainda pode ser trabalhada com interferências artísticas clássicas. Dessa forma, o conceito nela presente, possa ser melhor representado, fazendo com que os mais leigos e até os que desconhecem arte contemporânea percebam que se trata de uma peça de arte, não apenas um

¹ Disponível em: < <http://artefontedeconhecimento.blogspot.com.br/2010/11/fonte-marcel-duchamp.html>> Acesso em 02 de maio de 2017.

objeto qualquer, pois penso que arte deva ser para todos, não apenas para os que a estudam.

Com essa releitura pretendo apontar um aspecto da arte contemporânea que não faz meu agrado, unindo o clássico e o conceitual para chegar no resultado final. Dessa forma proponho que podemos nos apropriar de partes de vários movimentos para discutir sobre aquilo que nos incomoda.

Minha pesquisa se encaixa no método artográfico de apresentação, pois quero unir duas formas de representações artísticas para formar meu jeito de me expressar artisticamente, pois a a/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual), quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização. Se encaixando de forma muito parecida de minha proposta, que é fazer a mestiçagem de alguns movimentos artísticos diferentes, porém querendo mostrar a mesma coisa, a arte. (DIAS; IRWIN, 2013, p.07).

Minha linha de pesquisa se encaixa em Processos e Poéticas: Linguagens: Concepções teóricas e processos de criação contemplando as linguagens artísticas. Arte, linguagens e contextos dos fenômenos visuais, pois quero me aprofundar em algumas linguagens e utilizar um pouco de cada conceito para criar uma produção artística.

3 CONCEITO DE ARTE

Definir arte é um grande problema, mesmo para grandes estudiosos essa tarefa sempre foi árdua, então para um acadêmico que vive em um período da arte contemporânea é praticamente impossível descrevê-la.

Alguns Filósofos e estudiosos da arte já tentaram afirmar o conceito de arte, mais cada um de sua maneira.

Conforme um artigo publicado no site **em.com.br**² para pré-vestibular do ENEM, Platão (427 a.C - 347 a.C.) por exemplo, a arte tinha o conceito mimético, ou seja, a representação do mundo real nas artes, imitação. Apenas obras como as dos pintores egípcios tinham o ideal platônico, sendo essas imutáveis, que eram representações fieis da realidade. Já para Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) a característica de expressão artística é que dava real sentido a obra, o artista tinha o poder de corrigir a natureza, onde se valorizava a criação do artista, não apenas sua habilidade técnica. Para esse filósofo a ideia do interior da alma do artista deveria ser colocada na produção.

Essas eram as principais ideias do que seria arte na antiguidade, porém até hoje existem pensamentos com o mesmo ideal desses dois filósofos e cada pessoa responde à questão arte de uma forma diferente, até mesmo sem saber explicar o que é arte alguns conseguem fruir quando estão diante de uma. Segundo Jorge Coli (1995, p.08) em seu livro 'O que é arte', ele diz:

Arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo [...]. Se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas.

Essa citação se assemelha bastante com o pensamento de Kant para o conceito de arte.

Porém o conceito de arte, varia dependendo de cada época e lugar, por exemplo, nos primórdios nos tempos das cavernas, acredita-se que a arte rupestre

² Disponível em: < <http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/enem/2016/08/12/noticia-especial-enem,793593/dia-nacional-das-artes.shtml> > Acesso em 02 de maio de 2017.

estava ligada a rituais para promover a caça, por isso retratavam animais em suas pinturas ou gravuras, então para eles na época, aquilo não significava arte. Talvez o que hoje não é arte, amanhã poderá se tornar, e o que era arte antigamente, se criadas da mesma forma hoje, pode ser que não sejam intituladas como algo artístico no futuro.

Na Grécia antiga as esculturas apresentavam um gigantesco nível de realismo, mostrando um padrão de beleza e perfeição do corpo.

Cada época tem uma representação da arte diferente uma da outra, talvez nos movimentos artísticos passados, seria mais fácil afirmar o que seria arte, cada qual em seu tempo. Talvez por estarmos vivendo esse novo movimento artístico atual, é tão difícil dizer precisamente o que ela significa.

Como diz Ricardo Basbaum:

‘Artista’ é um termo cujo sentido se sobre-compõe em múltiplas camadas (o mesmo se passa com ‘arte’ e demais palavras relacionadas, tais como ‘pintura’, ‘desenho’, ‘objeto’), isto é, ainda que seja escrito sempre da mesma maneira, possui diversos significados ao mesmo tempo. Sua multiplicidade, entretanto, é invariavelmente reduzida apenas a um sentido dominante e único (com a óbvia colaboração de uma maioria de leitores conformados e conformistas). (BASBAUM, 2005, p. 1)

Podemos perceber então que com a fala do autor, arte não pode ser definida, pois a cada período e cada momento ela tem significados diferentes, cada pessoa pode interpretar arte de uma forma diferente, tudo isso vai depender da sua bagagem cultural e sensibilidade.

“Arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa ideias e emoções”, por isso, para a apreciação da arte é necessário aprender a observar, a analisar, a refletir, a criticar e a emitir opiniões fundamentadas sobre gostos, estilos, materiais e modos diferentes de fazer arte. (AZEVEDO JÚNIOR, 2007, p.7).

Como existem vários tipos de movimentos artísticos, em diversas partes da história, nos próximos subcapítulos vamos adentrar um pouco sobre os movimentos artísticos que fazem parte da minha produção artística.

3.1 ARTE CLÁSSICA

Segundo o livro 'Como Reconhecer a Arte Grega' de Flavio Conti (1984), a arte clássica pode-se dizer que foi representada pelo povo grego e teve sua continuação com o povo romano.

Esse movimento artístico ocorreu por volta dos séculos V e IV a.C. e procurava retratar a perfeição das formas do corpo, a beleza da época.

O estilo clássico veio para substituir o arcaico, que possuía formas mais geométricas e sem naturalidade.

A população Grega, sendo muito ligada a religião, usava a arte para representar os deuses que eles veneravam, e muitos deles tinham a semelhança do homem.

(...) as esculturas gregas, assim como os edifícios, nasceram para venerar os deuses, os únicos a merecer tantos esforços. Mas os deuses gregos, contrários dos egípcios ou persas, eram concebidos a imagem e semelhança do homem, tem paixões e pensamentos humanos, e, sobretudo tem a forma humana. (CONTI pág. 34, 1984)

Nessa época se formou um padrão de beleza idealizado, com uma constante busca pela perfeição, criando assim uma arte intelectual, e canonizada, ou seja, tinham uma proporção média para as pessoas belas da época, que marcou muito esse movimento, muito diferente dos dias atuais, onde os padrões de beleza não são tão mais representados. Nas artes gregas, não se tem diferença entre artista e o artesão.

Segundo Flavio Conti (1984), a arte Clássica grega entrou em decadência no séc. I a.C., com a arte romana tomando seu lugar. A arte romana sofreu muita influência da arte grega, mas a arte romana também criou suas próprias características, como a pintura nas paredes e os estilos arquitetônicos.

A pintura na Grécia apareceu como um elemento de decoração. Era bastante praticada em cerâmicas, os vasos gregos são famosos pela a harmonia na forma, desenhos, cores, e utilizados nos espaços para decoração.

Eles usavam para rituais religiosos e para armazenamento, tanto de água, vinho, azeite entre outros. Os vasos se transformaram em objetos artísticos a partir do momento em que se mostraram com formas equilibrados e com pinturas harmoniosas.

Na maioria das vezes, as pinturas dos vasos retratavam pessoas em atividades diárias, e cenas da mitologia grega, nos dias atuais ainda se faz esse tipo de produção, conhecida como *draw my life*³. Uma das principais características eram as cores, pois no início do processo o artista pintava em negro, a silhueta das figuras, e fazia os detalhes do desenho com um instrumento pontiagudo, que era usado para retirar a tinta deixando as linhas, um belo exemplo desse tipo de arte é o vaso François. (Figura 1).

Figura 1 - Vaso François, 570 a 560 a.C



Fonte: Disponível em: <<http://greciantiga.org/img.asp?num=0281>>. Acesso em: 02/5/2016.

Conforme o site Grécia Antiga de Wilson Ribeiro, as cenas pintadas nessa cratera⁴ de apenas 66 cm de altura, descoberta em 1844 por Alessandro François em um túmulo etrusco, contém mais de 200 figuras identificadas por inscrições,

³ O método *Draw my life* propõe que as pessoas descrevam sua vida ou um aspecto dela como trabalho ou relacionamento, através de desenhos em um quadro branco ou folhas de papel

⁴ Antigo jarro, semelhante a uma ânfora, us. pelos gregos para levar à mesa vinho e água.

representando diversas histórias da mitologia grega. Estão igualmente presentes inscrições com o nome do ceramista e do pintor do vaso. (RIBEIRO, 2000)

Como minha produção artística tem um elo muito grande da união da arte clássica com a contemporânea, e não tem o intuito de adentrar nos demais movimentos artísticos que também foram de fundamental importância para a história da arte, o próximo subcapítulo abordará melhor essa temática.

3.2 ARTE CONTEMPORÂNEA

A arte contemporânea Segundo pesquisas no site Toda Matéria⁵, não possui uma data específica do início do seu período e considera-se, por meio de suas características, que ela começou na segunda metade do século XX, logo após a segunda guerra mundial. Nesse período alguns artistas começaram a deixar de lado a relação que a arte fazia com os padrões pré-estabelecidos em todas as linguagens artísticas, a arte contemporânea em algumas vezes é questionadora e polêmica. Uma das suas principais características é o uso de diversas técnicas de experimentação, e pela liberdade de atuação do artista, sendo que ele não tem limites para produção. Esse período logo após a segunda guerra, trouxe junto novos hábitos, incluindo a produção em massa, que influenciaram muito na pintura, literatura, na moda, e nas demais vertentes artísticas. A arte contemporânea realiza uma mistura de diversos estilos e técnicas. Não pode ser comparada nem pelo estilo figurativo ou abstrato, pois ela pode se encaixar em diversas variantes.

Para um historiador consequente, trata-se de interpretar as novas regras do jogo, teorizando esse pluralismo sem lhe aplicar as normas do passado. As noções de originalidade, de conclusão, de evolução das formas ou de progressão na direção de uma expressão ideal não têm mais nenhuma prerrogativa nesse momento de atualidade pós-moderna. (CAUQUELIN, 2005, p.132).

⁵ Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/arte-contemporanea/> > Acesso em 08 de maio de 2017.

Os artistas têm uma gigantesca liberdade criadora, podendo usar variados recursos de produção, as possibilidades são infinitas, o que permite que a arte contemporânea possa ampliar sua atuação, pois ela não trabalha apenas com objetos concretos, mais também com conceitos e atitudes. Ela mostra que refletir sobre o conceito é muitas vezes mais importante que a obra em si e assim passou a se tornar um instrumento para estimular a meditação sobre os conteúdos vivenciados no mundo atual. Lucie-Smith (2006, p.151) retrata essas questões afirmando:

A arte conceitual é uma forma de expressão que tenta abolir o físico o máximo possível, cujo objetivo é evitar a estimulação ótica em favor de processos intelectuais, os quais o público é convidado a partilhar com o artista. Ou seja, é essencialmente uma arte de padrões mentais, consubstanciada em qualquer meio que o autor considere adequado usar.

Mesmo que a arte contemporânea tenha quase um século de existência, ainda hoje existem bastante controvérsias sobre ela, algumas pessoas gostam, outras não, algumas tentam explicar, algumas pessoas não entendem, e principalmente uns acham bonito e outros feios, mais o que seria o belo e o que seria o feio?

O próximo subcapítulo abrangerá um pouco mais desse conceito.

3.3 BELO E O FEIO

Assim como o assunto do primeiro capítulo dessa pesquisa, o belo e o feio não podem ser explicados em apenas uma pequena frase, cada período da história, cada contexto e em cada caso, o belo e o feio podem ser representados de formas diferentes.

No início da minha pesquisa o belo seria aquilo que se expressa sob formas harmônicas e proporcionais. O feio, por sua vez, é o oposto belo. E aquilo que não é o belo torna-se o intolerável, pois não possui nenhum valor que seja intimamente seu.

Segundo o livro a História da feiura de Humberto Eco (2007), o belo e o feio têm seus valores muito variados em seus formatos e conforme o decorrer da história, durante a antiguidade, cada povo tinha uma versão idealizada do belo que se refletia de algum modo na arte do seu tempo.

Por exemplo a civilização Helenística, via nas suas formas um padrão de beleza que deveria ser imitada, de acordo com as leis da harmonia e da proporção, cada parte do corpo deveria obedecer a uma dimensão exata.

No mundo cristão, a relação da beleza é inversa, pois Deus criou os céus e terra, e todo o restante, e quando acabou viu que tudo era muito bom. Por isso então todo o universo seria belo, pois foi construído imagem e semelhança de Deus. Então com isso dizer que o mundo todo era belo, então logo seria bom, e tudo que seria bom logo seria belo.

Humberto Eco (2007) em seu livro ainda mostra que na idade média, na leitura do livro do apocalipse, foi veiculado a feiura com a agonia dos mortos no inferno. No último livro da bíblia, é mostrado com detalhes tudo sobre o diabo, o inferno e as penas que os pecadores sofreriam. Fazendo com que o medo do fim penetrasse na mente dos medievais. Nesse período pelo grande interesse nos assuntos apocalípticos, foram reproduzidas diversas obras com esse assunto. No inferno reinava então Lúcifer, o anjo caído, e foram criadas várias feições aterrorizantes para retratar a feiura do mal, mostrando seu aspecto demoníaco. Porém se Lúcifer, mesmo que expulso do paraíso, não deixa de ser um anjo criado por Deus, então muito provavelmente sua aparência não seria desagradável. Aí nesse caso então que a teoria da beleza para a sociedade cristã da época se contradiz, pois, se tudo que Deus criou é belo, logo Lúcifer também seria.

Em 1853, Rosenkrantz elaborou uma analogia entre o feio e o mal moral, “como o mal e o pecado se opõe ao bem, do qual são o inferno, assim o feio é o ‘inferno do belo’.” (ROSENKRANTZ 1853 apud ECO, 2007, p.16).

Para muitas pessoas até hoje belo seria a palavra que define arte, talvez por no século XVIII ter surgido o termo ‘belas artes’, que tenha essa associação de beleza e arte até hoje. Para Jung “o feio de hoje é sinal e indício de grandes transformações por vir. Isso significa que aquilo que será apreciado amanhã como grande arte poderá, de todo modo, parecer desagradável hoje e que o gosto está sempre atrasado em relação ao aparecimento do novo.” (JUNG apud ECO 2007, p.365). Ideia que vale para caracterizar as obras produzidas pelos movimentos da vanguarda ‘histórica’ dos primeiros decênios novecentistas.

Então nesses pensamentos, cada época, cada contexto tem um padrão do que é belo e feio diferente um dos outros.

No decorrer do meu estudo sobre o belo e o feio, ficou cada vez mais difícil contextualizar os dois, ainda mais no campo da arte, por exemplo, com os estudos dos artistas contemporâneos, me deparei com o documentário ‘Lixo extraordinário’ de Vik Muniz, onde ele transformou lixo em algo admirável, a partir daí então, o lixo deixou de ser algo feio, para se tornar obras leiloadas em museus de arte, então o lixo continua sendo “feio”, porém a utilização do feio pode se produzir algo belo.

O próximo subcapítulo apresenta dois artistas contemporâneos mais atuais, cada qual trabalhando de uma forma diferente um do outro, representando arte de formas distintas.

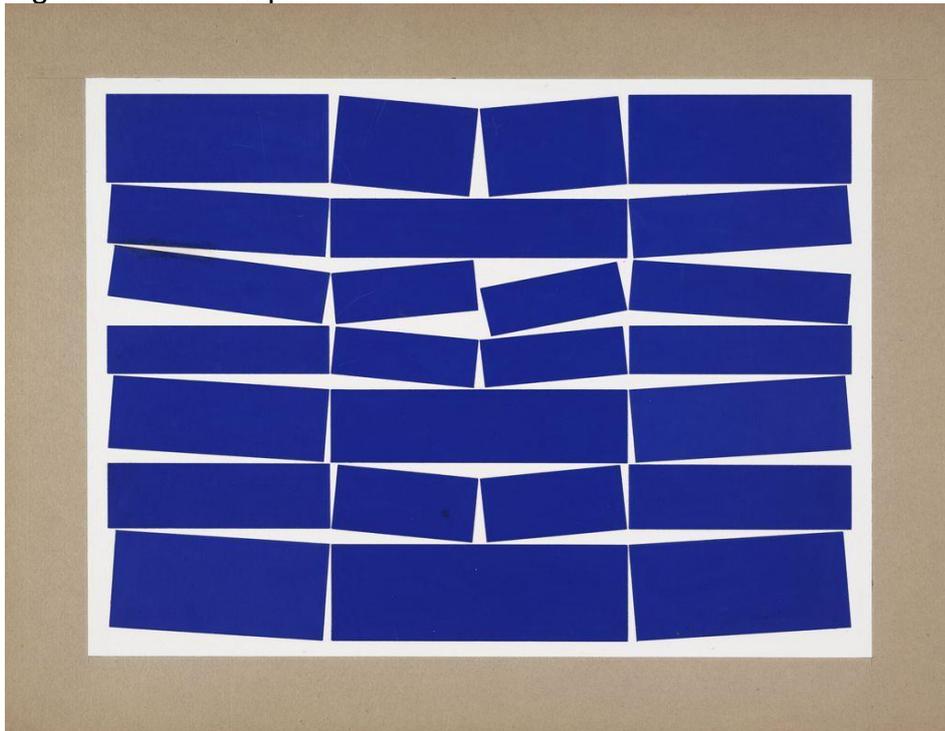
3.4 HÉLIO OITICICA

Conforme o site Enciclopédia Itaú Cultural⁶, Hélio Oiticica (nascido no Rio de Janeiro, 26 de julho de 1937 — faleceu no Rio de Janeiro, 22 de março de 1980) foi um artista brasileiro que trouxe novas formas de expressão para a arte realizada no país, caracterizado pelo experimentalismo, o performático e a superação do padrão artístico burguês. Oiticica revolucionou o cenário artístico, seus trabalhos tiveram elaborações teórica-artísticas até experimentos que necessitavam da participação do público, além de mudar os conceitos artísticos de sua época, ele quis dialogar com o público de maneira inovadora, fazendo do observador parte integrante de sua obra, sendo que além de mudar os conceitos de arte da época, mudou também o conceito de observador, que passa a ser uma extensão da obra.

Em 1955 Oiticica aderiu a obras concretas, e produziu trabalhos em guaches sobre cartão, que eram retângulos de diversos tamanhos anexados a estrutura de grade. No próximo ano ele começou a criar quadrados monocromáticos que produzem uma sombra que representa a tridimensionalidade da obra, querendo mostrar assim a importância da cor para os efeitos das peças artísticas (Figura 02).

⁶ Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica> > Acesso em: 06 de maio de 2017.

Figura 2 - Metaesquema número 348. 1958



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/514395588671583583/>>. Acesso em: 08/5/2016.

Uma de suas obras deste período é o que ele chamou de 'Os Bilaterais', conforme a Enciclopédia Itaú cultural, são placas de fina espessura com dobras em vários planos, e espaços vazios entre eles. Nesses trabalhos, o artista faz uso de várias tonalidades de amarelo e laranja, sugerindo o fluxo contínuo de uma cor à outra - esta transição faz da obra o que ela é, atingindo, então, o que ele chama de cor-tempo, conferindo à obra uma existência psíquica. A obra existe somente enquanto dura este processo. A arte passa do estado estático, e o observador passa a experimentar a sua movimentação. Figura 03.

Figura 3 - Relevo espacial (vermelho) REL 036. 1959



Fonte: Disponível em: <<http://www.tate.org.uk/art/artworks/oiticica-spatial-relief-red-rel-036-t12763>>. Acesso em: 8/5/2016.

Oitica também é bastante conhecido pelo Parangolé. O Parangolé surgiu com seu envolvimento com o samba, segundo o artista essa dança surgiu como ‘uma necessidade vital de desintelectualização’, ou seja, a necessidade de livre expressão.

O Parangolé (Figura 04) é identificado pelo uso de capas, bandeiras em que o participante veste durante o *happening*, são bastante usados panos coloridos alguns com palavras e fotos, que apenas são visualizados quando o participante se movimenta, fazendo com que, segundo Oitica, “não se trata do corpo como suporte da obra no corpo, mas da incorporação do corpo na obra e da obra no corpo.” (OITICICA in FAVARETTO, 1992, p.107). Fazendo com que o público tenha chance de deixar de ser espectador para participar na atividade criadora.

Figura 4 – Parangolés, Hélio Oitica



Fonte: Disponível em: <<http://cromos.elespectador.com/silvia-tcherassi/obra-144954-helio-oitica-parangole>>. Acesso em: 8/5/2016.

3.5 VIK MUNIZ

Conforme artigo publicado no site Enciclopédia Itaú Cultural⁷, as produções de Vik Muniz são conhecidas em todo o planeta e desde muito cedo ele mostrou uma criatividade fora do comum. Nasceu em São Paulo em 1961 e reside atualmente em Nova York. Antes de deixar o Brasil, estudou por algum tempo Publicidade e Propaganda, e nos Estados Unidos seu talento foi revelado por um crítico de arte do *New York Times*. Alguns museus famosos começaram a reivindicar a presença das suas obras, e foi assim que o artista se tornou o primeiro brasileiro a ter suas produções presente no museu de arte moderna mais consagrado, o *Metropolitan Museum of Art*.

Vik Muniz se tornou famoso pela sua originalidade, e sua principal característica é o uso de materiais efêmeros como geleia, chocolate, fios de cabelo, refeições, matérias recicláveis entre outras (Figuras 05 e 06). Com esses materiais Vik faz imagens produzidas por técnicas fotográficas e na grande maioria das vezes se inspira em clássicos da pintura como Monet, Leonardo da Vinci, Andy Warhol entre outros. Ele cria com sua linguagem releituras originais desses artistas famosos, surpreendendo o público e também os críticos de arte.

⁷ Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9203/vik-muniz> > Acesso em: 28 de maio de 2017.

Figura 5 - Mona Lisa de Geleia de Uva e Mona Lisa de Manteiga de Amendoim. 1999



Fonte: Disponível em: <<https://peregrinacultural.wordpress.com/tag/mona-lisa/>>. Acesso em: 12/5/2016.

Figura 6 - O Nascimento de Vênus, depois de Botticelli (Imagens de Lixo). 2008



Fonte: Disponível em: <<http://vikmuniz.net/pt/gallery/mint-museum>>. Acesso em: 12/5/2016.

Uma de suas produções mais recentes é uma obra inspirada no lixo depositado no aterro da área metropolitana do Rio de Janeiro. Com esse material ele elabora uma arte tão admirável que atraiu a atenção da diretora Lucy Walker e dos brasileiros João Jardim e Karen Harley. Baseados nesta nova concepção de Vik, eles criaram 'Lixo Extraordinário' (2011), indicado ao Oscar 2011 de melhor documentário.

Esse documentário mostra seu envolvimento com catadores do lixão de Jardim Gramacho - RJ. Vik Muniz realizou as obras desse documentário com a ajuda dos catadores, fazendo o uso de materiais encontrados no próprio lixão, fazendo com elas, imagens admiráveis dos trabalhadores do local, usando ajuda dos mesmos, assim transformando a vida dos catadores com o uso da arte.

Ele mostra nesse documentário a realidade e as situações precárias dos catadores do Lixão de Jardim Gramacho, mostrando também o seu convívio com os catadores e como eles vão formando amizade durante os dois anos de gravação, mostrando os sonhos dos catadores e suas histórias de vida. E com uma câmera fotográfica registra alguns momentos no lixão que serão mais tarde recriadas com o próprio lixo do local (Figura 07).

Figura 7 - Marat Sebastião. 2008



Fonte: Disponível em < <http://www.artcritical.com/2011/01/08/muniz-walker/>>. Acesso em: 12/5/2016.

Nesse contexto de Vik Muniz, podemos perceber semelhanças ao Parangolé de Oiticica, onde ele fez com que o corpo e o envolvimento emocional do participante fizessem parte da obra, não apenas uma 'peça', também fazendo com que tivessem a liberdade de livre expressão. Desta forma fazendo com que os participantes esquecessem um pouco a realidade vivida no lixão, ao fazer um trabalho social ajudando as pessoas de lá, mostrando que com o lixo é possível fazer arte e ter uma vida melhor usando materiais que seriam descartados.

Podemos perceber que o Parangolé de Oiticica e documentário Lixo extraordinário de Vik Muniz, visualmente são trabalhos distintos, que de alguma forma possuem conceitos e intenções bem parecidas, porém no seu objeto final e na forma de trabalhar bastante diferentes. Com base no subcapítulo, O belo e o feio, não podemos julgar qual dos dois seriam mais bonitos ou mais feios, ou qual então teria menor “valor” artístico, porém é notório que cada um atingira um público diferente, agradando um e talvez deixando de agradar o outro. Por isso é bastante difícil analisar as obras contemporâneas, pois cada pessoa irá reagir de forma diferente.

Assim como foram as obras de Marcel Duchamp, que com elas atingiu um público gigantesco, alguns com críticas construtivas e outros não, mais não podemos negar que de alguma forma Duchamp atingiu uma grande repercussão, veremos no próximo subcapítulo um pouco mais desse ícone da arte contemporânea.

3.6 MARCEL DUCHAMP

Marcel Duchamp foi um nome de fundamental importância para a arte e através de suas obras, mostrou o que para ele seria o verdadeiro significado de uma obra artística, criando um novo método para produzir as suas obras, usando novos conceitos a assuntos que eram do cotidiano, dando a eles suas próprias reflexões.

Conforme pesquisa realizada no site Toda Matéria⁸, Duchamp começou a produzir suas obras no início do século XX, Duchamp sendo sempre um artista diferenciado da época, passou a produzir seus objetos de forma irônica e protestante. Duchamp manteve sua personalidade insatisfeita e questionadora, destruindo os padrões de arte existente na época, o artista começou a produzir um determinado tipo de arte que para ele não representava nenhuma categoria artística. Duchamp trouxe novos horizontes para o mundo da arte, construindo novos rumos que mudaram completamente o conceito de arte, fez várias experimentações artísticas, criou o *ready-made*, introduzindo objetos da vida cotidiana no campo das artes plásticas. Embora seja considerado um artista dadaísta, trabalhou com vários conceitos artísticos do impressionismo, cubismo e expressionismo. Duchamp introduziu

⁸ Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/marcel-duchamp/> > Acesso em 14 de maio de 2017.

aspectos intelectuais em suas obras de arte. Os *ready-mades* talvez foram as maiores criações de Duchamp, que consistem em objetos prontos e banais que foram retirados das suas funções originais, e sendo removidos dos contextos em que são normalmente colocados. Assim rompendo com o cartesianismo, ou seja, o uso da razão para desenvolver as coisas, de forma a desmitificar a obra de arte, fazendo com que algo sem valor artístico se torne uma obra de arte.

Duchamp enfatizava o discurso da acessibilidade e dizia que para pessoas com necessidades especiais, seria necessário romper com a 'arte retiniana', ou seja, a arte que percebemos essencialmente pela retina, pois pessoas cegas ou com glaucoma espiritual não poderiam ter acesso aos seus conteúdos e, no final das contas, uma imagem sempre diz muito mais do que seu recado imediato nos faz supor. A ideia era que a arte deveria ser, sobretudo, uma ideia, e não uma forma.

O *ready-made* mais famoso de Duchamp foi 'A Fonte', de 1917, um urinol apresentado como uma obra de arte assinada por 'R. Mutt' e rejeitado pelo júri; a obra só foi aceita quando os avaliadores tomaram conhecimento do verdadeiro criador da escultura (Figura 08).

Figura 8 - A Fonte, Duchamp. 1917



Fonte: Disponível em: <<https://egonturci.wordpress.com/2012/09/10/a-fonte/>>. Acesso em: 14/5/2016.

Como pode então um objeto tão comum em nosso cotidiano, um objeto que se faz presente desde tempos antigos agora então, ter se tornado um dos objetos mais polêmicos da história da arte? Um objeto com quase nenhuma interferência artística ter se tornado um objeto avaliado em milhões?

A título de curiosidade, desde o início da sua invenção por volta do século XVI, os vasos sanitários eram produzidos com a única função de recolher os dejetos, como nas figuras 9 e 10.

Figura 9 - Sanitário público Grécia antiga



Fonte: Disponível em: <<http://www.mdig.com.br/?itemid=29210>>. Acesso em: 14/5/2016.

Figura 10 - Sanitário público Grécia antiga II



Fonte: Disponível em: <<https://www.diariosudoeste.com.br/noticia/momento-majestade-porque-todo-mundo-vai-ao-trono>>. Acesso em: 14/5/2016.

Somente no século XIX é que alguns construtores começaram a incluir detalhes artísticos nas peças por eles desenvolvidos. (Figura 11).

Figura 11 - Sanitário. 1883



Fonte: Disponível em: <<https://twyfordshistory.blogspot.com.br/p/remarkable-products.html>>. Acesso em: 27/5/2016.

Em meio a excentricidade da arte contemporânea, como vimos neste subcapítulo, Duchamp usou uma peça basicamente com a mesma funcionalidade, de extrair dejetos para local apropriado, ou seja, o mictório, e fez com que essa peça se tornasse algo valioso, e digno de após 100 anos da sua criação ainda causar muita polêmica.

Algumas pessoas acham sensacional, outras uma asneira, mais não podemos deixar de concordar que foi algo inusitado, ainda mais para época, hoje talvez esteja se tornando um pouco menos comentado esse tipo de arte, por talvez estar se tornando clichê qualquer coisa se tornar arte. Esse é o grande problema que resolvi estudar no meu trabalho, que qualquer coisa pode ser arte. Isso será verdade? Ainda mais um objeto que não sofre nenhuma interferência artística?

4 PROCESSO DE PESQUISA

Com meu projeto de TCC, quero mostrar que desde o início da minha graduação algumas indignações que sempre carreguei comigo a respeito da arte contemporânea, talvez por eu fazer parte do ramo do design, que é um ramo criado para agradar ao público, trago comigo isso guardado no meu perfil.

Porém na arte o limite de criação é bastante diferente, pois a arte não precisa ter uma utilidade, ela pode ser tanto para criar algo somente agradável esteticamente, ou apenas uma maneira de extravasar em forma de arte.

A minha inquietação com alguns objetos artísticos contemporâneos como A Fonte (1917) por exemplo, talvez pela minha rasa bagagem cultural, não pareça ter valores artísticos e ganharam valorizações absurdas, muitas dessas obras parecem nem ter sofrido interferência artística sobre ela, e são até hoje, imaculadas pelo mundo da crítica de arte. Minha inquietação encontra amparo no livro Desconstruir Duchamp, arte na hora da revisão do autor Sant'Anna (2003, p.17) diz que:

A possibilidade de que nossos conceitos de arte estejam equivocados e que sejamos tidos no futuro como incompetentes e ignorantes para perceber a vanguarda e o novo fez com que se abrissem, ou melhor, se escancarassem as portas do julgamento estético. Deste modo, passou-se a aceitar como arte tudo aquilo que o artista (ou alguém por ele) apresenta como obra de arte. Passou a valer a assinatura e a intenção. Daí um silogismo perverso: se tudo é arte, então, nada é arte.

E quando li esse trecho tudo o que eu queria dizer estava nessa breve citação, não sou contra nenhum tipo de arte, isso seria extremamente falta de conhecimento artístico, pois cada movimento tem o seu papel fundamental na história da arte, porém o que me incomoda, é que 'tudo' seja arte. Não acredito nessa possibilidade, de tudo fazer parte da arte, e penso que tem muitas obras que não poderiam ser chamadas assim. Ainda no livro desconstruir Duchamp (2003, p.19), o autor se mostra indignado pelo fato de tudo ser intitulado arte, mesmo sendo um artista a ter produzido e fala que certa vez estava em um programa de jovens escritores universitários, e um romancista que morava no quarto ao lado veio lhe trazer um texto genial que ele escreveu enquanto fumava maconha. Leu o texto e viu que era uma bobagem. Ele achava que por estar num barato o texto também seria um barato. Intenção não substitui a obra. Ele usa Picasso como exemplo, falando que tem coisas

excepcionais, mais também coisas abomináveis, uma das ideias perversas do século XX é que a assinatura do autor é que dava sentido a obra, transformando qualquer coisa que ele assinasse em obra de arte, não muito diferente dos dias atuais.

Penso que pelo fato de antigamente os novos movimentos artísticos não terem sido aceitos, e posteriormente terem feito sucesso, os críticos de arte talvez passaram aceitar tudo que fosse intitulado como arte, por medo de futuramente aquilo se tornar algo famoso, e ele não ter reconhecido.

A incapacidade crítica em reconhecer o valor da pintura impressionista, quando esta surgiu, gerou nos críticos futuros um complexo de culpa e uma intimidação tal que, hoje, tudo o que se anuncia como novidade, a crítica se sente obrigada a aprovar. Essa observação foi feita por John Canaday, há muitos anos, quando exercia a crítica de arte do New York Times. E ele acrescentou então, se hoje um pintor espremer uma bisnaga de tinta no nariz do crítico, ele será capaz de ver nisso uma manifestação de alta criatividade [...]. (GULLAR, 1993, p.21).

Porém existem os dois lados, o do crítico e também o do artista, esse que por sua vez, ou entra na desabalada carreira da obsolescência das modas ou não se submete e corre o risco de ser ignorado pela crítica, pelas instituições e pelo mercado. (GULLAR, 1993, p.22).

Isso então mostra que com o tempo está havendo constante mudança no olhar crítico em relação a arte. Creio eu que com a evolução do tempo nosso olhar não apenas no lado artístico, mais sim em tudo, deva ser mais crítico, e que tudo tem que se transformar, e se transformar para melhor.

As obras de Vik Muniz por exemplo, são totalmente conceituais e contemporâneas e apresentam técnicas de desenvolvimento muito presente nelas, são cuidadosamente elaboradas e notório a presença do artista na obra. O que me incomoda são as obras “malfeitas”, enigmáticas que somente grandes estudiosos da arte poderiam compreender, ou achar que tivessem compreendido; apesar de fazer pouca diferença o que eu penso, creio que arte deva ser para todos, não apenas para um público de meia dúzia, como no caso dos *ready-mades* de Duchamp que até hoje aparecem novos conceitos para ela, que foi a quebra dos paradigmas.

O que os autores citados acima sugerem é que A Fonte de Duchamp só se torna arte dentro de um museu, e acredito que a arte deve ser arte em qualquer contexto e lugar que ela esteja presente, senão seu valor se perde conforme seu local.

Até aqui esta pesquisa está apoiada em pensadores que criticam algumas manifestações da Arte Contemporânea, principalmente a Fonte de Marcel Duchamp, então penso que citar o próprio artista neste ponto da discussão seja interessante. Afinal, ninguém melhor do que ele poderia expressar o que sentia durante o processo criativo.

A arte pode ser ruim, boa ou indiferente, mas, seja qual for o adjetivo empregado, devemos chama-la de arte, e arte ruim, ainda assim é arte. No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, sofrimentos, satisfações, recusas, decisões que também não podem e não devem ser totalmente conscientes, pelo menos no plano estético. O resultado deste conflito é uma diferença entre a intenção e a sua realização, uma diferença de que o artista não tem consciência. (DUCHAMP, 1965)

Penso que Duchamp estava correto em sua colocação, pois muitas vezes eu também não consigo produzir o que idealizo, porém no ato de apreciar objetos de arte, se eu posso escolher entre a “arte boa ou arte ruim”, como o próprio Duchamp falou, minha opção é pela “arte boa”. Desta forma encontro maior afinidade e simpatia com os pensamentos de Gullar e Trigo, conforme citações a seguir:

O *ready-made* é a contrapartida industrial do *objet trouvé*, com que os surrealistas afirmaram que o criador não é apenas quem faz; quem acha também o é. Assim uma pedra encontrada no mato pode ser uma obra de arte [...]. Todos são artistas e ninguém é artista. Só se esqueceram de uma coisa: para que aquela pedra pudesse ser vista como obra de arte, foi preciso primeiro que os artistas tivessem inventado a arte. O mesmo pode se dizer das *ready-made* de Duchamp: eles tiram sua significação da arte que contestam nada, perderam toda força expressiva. É que sua expressividade era externa a eles, meramente sintática, conjuntural. Enquanto isso, as obras de Picasso, Braque, Morandi, Matisse, etc., fruto da elaboração da linguagem pictórica, mantem sua significação através dos anos. (GULLAR, 1993, p.24).

Então porque, conforme Gullar (1993), se o tipo de arte como o de Picasso e Morandi, não perde sua significação através do tempo, ela não é mais feita até hoje?

Segundo Trigo (2009, p.62), a resposta é simples:

A arte de Picasso exige vocação, técnica, reflexão sobre a vida e a História, enquanto Duchamp, por genial que tenha sido em seu momento, traz uma mensagem muito mais fácil de ser assimilada e copiada, a de que qualquer um pode ser artista. Como no anúncio da Caninha 51, basta uma boa ideia. O talento, a criatividade, o artesanato e o pensamento deixaram de ser relevantes; a mão do artista se tornou dispensável. Como é gratificante saber que não é preciso estudo, treino, empenho, paciência, talento, nada, enfim,

para se tornar artista, além da afirmação de que se é artista e do reconhecimento 'do circuito ou da 'galera'!

Trigo mostra em seu livro que algo que não agrade visualmente tem mais chance de se tornar arte do que algo que seja “bonito”: “Um objeto de cerâmica que se pretende ser subversivo à natureza da beleza está mais apto a se enquadrar na definição de arte contemporânea do que um objeto que seja simplesmente bonito.” (TRIGO, 2009, p.62).

Ainda Trigo (2009, p.17) ressalta que:

Pessoas interessadas em artes plásticas tem sentimentos que se contradizem, por exemplo, existe uma certa exaltação com o crescimento do mercado e do interesse pela produção contemporânea, pelo fato de novos artistas brasileiros serem conhecidos internacionalmente. Mas por outro lado existe também uma sensação de mal-estar diante das produções, pelo fato das obras não terem objetivos claros, por serem obras ambiciosas, e porque os artistas não se importam com as instituições e o mercado da arte.

E isso se encaixou perfeitamente em meu pensamento, na minha introdução eu falo sobre minhas frustrações com alguns objetos da arte contemporânea, mesmo compreendendo seus conceitos. Isso se deve, pelo fato da arte contemporânea ter seus prós e seus contras, assim como qualquer coisa existente.

Trigo (2009, p.15) cita que foi graças as reações com as obras dos artistas excêntricos, como por exemplo a obra do costa-riquenho Habacuc, cuja obra era amarrar um cachorro no canto da galeria e deixá-lo morrer de fome, o autor percebeu que essa é uma área praticamente abandonada pelo pensamento no Brasil.

Com base nos meus estudos e no meu conceito artístico, no próximo subcapítulo falarei mais sobre minha produção artística, baseado no tão mencionado tema abordado nesse TCC, o *ready-made*.

4.1 POETICA PESSOAL – COMPOSIÇÃO DA OBRA

Com meus questionamentos acerca dos objetos que não possuem técnicas artísticas e que algumas delas até não sofrem interferência do artista para sua finalização, veio a ideia da minha obra.

Minha obra consiste em retratar uma ressignificação da obra de Duchamp, 'A fonte'. Pode ser até mesmo classificada em releitura.

O que quer dizer releitura? Reler, ler novamente, dar novo significado, reinterpretar, pensar mais uma vez. Mais uma vez fui levada a refletir sobre minha experiência. Sou artista plástica e trabalho muito com apropriação e citação, algo muito próprio de nossa contemporaneidade pós-moderna. Aproprio-me de imagens da História da Arte e incluo-as em minha obra, ou seja, tiro a imagem de seu local de origem e a utilizo para construir outra imagem. Também cito muito em meu trabalho, cito artistas de que gosto, cito situações e movimentos da História da Arte. Qual é a diferença? Quando cito, não existe referência direta. Posso utilizar o modo de trabalhar, da cor mais comum do artista ou da obra que estou citando. No entanto, quando me aproprio da imagem, ela está contida em meu trabalho, inteira ou desconstruída, mas está presente. Uma das coisas mais importantes que aprendi com meu trabalho é que nunca penso em uma obra só, um artista só. Faço relações o tempo todo, inclusive do que vejo na realidade como o que vejo no mundo da arte. (BARBOSA, 2005, p.145).

Conforme a citação acima, farei o uso do mesmo utensílio que Duchamp usou, o mictório, dando um novo significado a peça. Porém na minha produção vou fazer interferência artística no objeto, dando a ele uma 'cara' mais artística, não somente pegando a peça e a colocando em uma exposição, mais sim interferindo nela com meus estudos artísticos, e com meu estilo próprio de arte.

Tive em mente retratar no mictório uma boca. Para o autor do texto apresentado na página 13, retirado do site Arte Fonte de Conhecimento, na obra de Duchamp, A Fonte, o mictório lembrava as formas de uma figura feminina, já para mim, o mictório lembra bastante o formado de uma boca aberta, não necessariamente feminina ou masculina, por isso optei em representar essa boca em forma de cartum, por que dessa forma poderia desenhar sem ter como definir o gênero dessa boca. Em volta da peça, selecionei algumas criações minhas que fiz durante o percurso desses 4 anos de estudo.

O intuito dessa representação na peça é mostrar meus pensamentos até então com a arte durante o processo de aprendizagem no curso. Pois conforme indicado na introdução, sempre tive uma resistência a algumas peças contemporâneas intituladas como arte, talvez por falta de conhecimento, talvez por gosto, ou até quem sabe, por elas não serem arte mesmo. Não tenho nada contra a arte contemporânea, mas sim com os objetos que não possuem técnicas empregadas na sua execução, peças que apenas são postas um conceito, as vezes até mesmo forçado para se caracterizar como uma obra de arte, a exemplo A Fonte de Duchamp.

Os desenhos em volta da peça seriam para representar meus conceitos artísticos (não que para mim somente aquele estilo na peça seria arte), como se aquele conceito estivesse dentro de mim, fazendo parte da minha personalidade, a boca aberta, representa a abertura para o aprendizado, para novas ideias, como se estivesse esperando para absorver mais experiências, aprender coisas novas, porém o que é depositado no mictório é a urina, ou seja, dejetos, representando esse tipo de objetos que não consigo compreender enquanto obras de arte contemporânea.

4.1.1 MATERIAIS

Para a produção da obra eu optei por usar o mictório da Fiori. Por seu modelo apresentar as curvas necessárias para a representação do meu projeto (Figura 12)

Figura 12 - Mictório Fiori



Fonte: Disponível em: <<http://www.fiori.ind.br/produto.php?id=7>>. Acesso em: 27/5/2016.

Para os desenhos utilizei canetas Posca, que são canetas de tinta pigmentada a base de água, elas não são tóxicas e têm uma exclusiva tecnologia de cobertura, muito boa para cobrir qualquer superfície, porém como elas são feitas para fins decorativos, caso a peça seja usada, a tinta sairia durante o tempo, por isso ao final da produção artística a peça de porcelana foi toda coberta por verniz automotivo, garantindo assim total fixação da tinta das canetas sobre a peça. Caso ela venha ser manuseada, não haverá problema algum (Figura 13).

Figura 13 - Canetas Posca

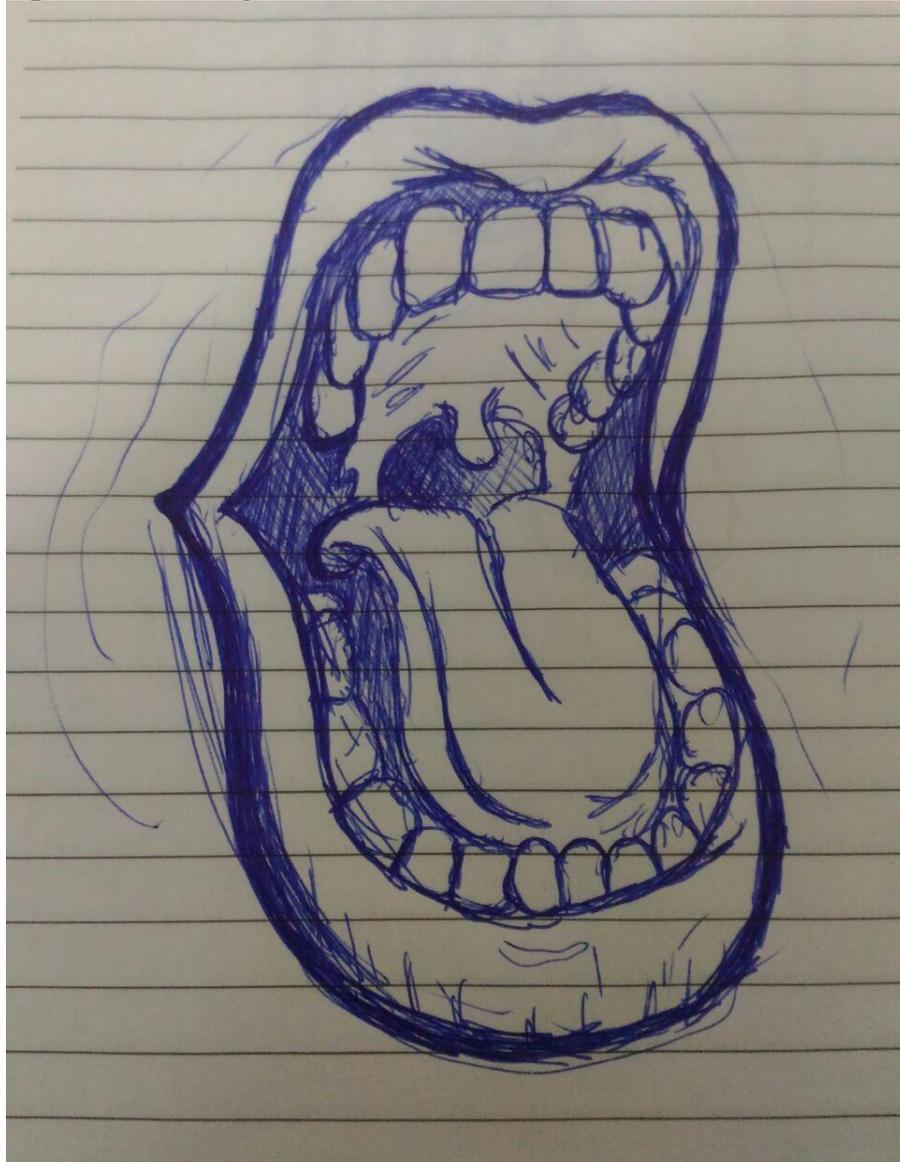


Fonte: Disponível em: <<http://www.posca.com/br/marcadores-multiusos/materiais-e-dicas>>. Acesso em: 24/5/2016.

Esses inicialmente seriam os principais materiais utilizados para a produção da obra.

Com os materiais em mãos, comecei o projeto da execução do meu trabalho, inicialmente com um esboço de como seria a boca representada na obra. A boca teria como intenção não representar nenhum gênero, pois a intenção não era passar nenhuma crítica em relação a sexualidade, pois como se trata de um utensílio exclusivamente masculino, poderia haver questionamentos em relação preconceitos machistas. Então optei pela criação de uma boca estilo animação, como cartum, em que não poderia ser identificado seu gênero (Figura 14).

Figura 14 - Esboço



Fonte: Arquivo pessoal.

Como eu queria retratar meu percurso acadêmico, selecionei algumas produções minhas para reproduzi-las na obra, mostrando meu estilo de desenho e meu modo de representar a arte (Figuras 15,16 e 17).

Figura 15 - Desenho coruja (técnica nanquim com caneta hidrocor)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 16 - Desenho águia (técnica nanquim com caneta hidrocor)



Fonte: Arquivo pessoal.
Figura 17 - Desenho caveira (técnica nanquim com caneta hidrocor)



Fonte: Arquivo pessoal.

Como o espaço para representação dos desenhos no mictório é pequeno, me limitei a escolher essas três produções. Antigamente sempre retratava meus desenhos, na grande maioria preto e branco, porém a alguns anos comecei a utilizar bastante os contrastes para ficar visualmente chamativo.

A partir da escolha dos desenhos comecei a desenhar na peça, inicialmente pela boca (Figura 18).

Figura 18 - Etapas da obra



Fonte: Arquivo pessoal.

A disponibilização da boca no mictório ficou bastante agradável para representá-la, pelo fato da forma do objeto ter ajudado na execução do desenho.

Logo após o desenho da boca estar pronto, ficou mais fácil visualizar como ficariam os desenhos distribuídos nos espaços restantes. A seguir algumas etapas do processo de produção (Figuras 19, 20 e 21):

Figura 19 - Etapas da obra II



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 20 - Etapas da obra III



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21 - Etapas da obra IV



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao fazer os desenhos, pude perceber que a caneta não aderiu bem a cerâmica, e após seca, caso passasse algum objeto ou até mesmo a unha, o desenho saía com facilidade da peça.

Então decidi, para não correr risco de o desenho ser danificado enquanto ele se mantivesse exposto, fazer alguns testes para que a tinta se fixasse no mictório. Para isso usei uma peça de porcelana para fazer tais experimentos. Fiz um simples desenho em uma caneca e usei verniz automotivo para cobri-la, e então dessa forma o desenho se manteria intacto (Figura 22).

Figura 22 - Teste feito em caneca, já envernizado



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse meio tempo fui pensando em como a obra seria exposta e de como uma base poderia acrescentar mais credibilidade como arte. Tive esse pensamento quando vi um objeto de cerâmica semelhante, no caso uma pia, descartada em um local qualquer. Aí me veio um pensamento: e se aquele objeto fosse a obra de Duchamp? Percebi então que a obra de Duchamp apenas é intitulada obra de arte dentro de um museu e se ela estivesse em um local qualquer, mesmo fora do contexto que no caso seria o banheiro, ela não seria arte. Então o *ready-made* não iria se aplicar tão bem, pois o objeto não precisa ser tirado somente no seu contexto, mas sim inserido em um contexto artístico para se tornar arte. Em minha obra não acontece isso, como ela sofreu interferência artística plástica, como ela teria uma base para apresentação, eu poderia colocá-la em qualquer lugar, que as pessoas que ali transitassem perceberiam que se trata de uma obra artística, até mesmo a peça inserida em seu próprio contexto, visualmente seria notório que se trata de uma peça artística.

No processo da confecção utilizei uma estrutura de madeira como podemos ver a seguir (Figuras 23, 24, 25 e 26):

Figura 23 - Etapas da base



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 24 - Etapas da base II



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 25 - Etapas da base III



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 26 - Etapas da base IV



Fonte: Arquivo pessoal.

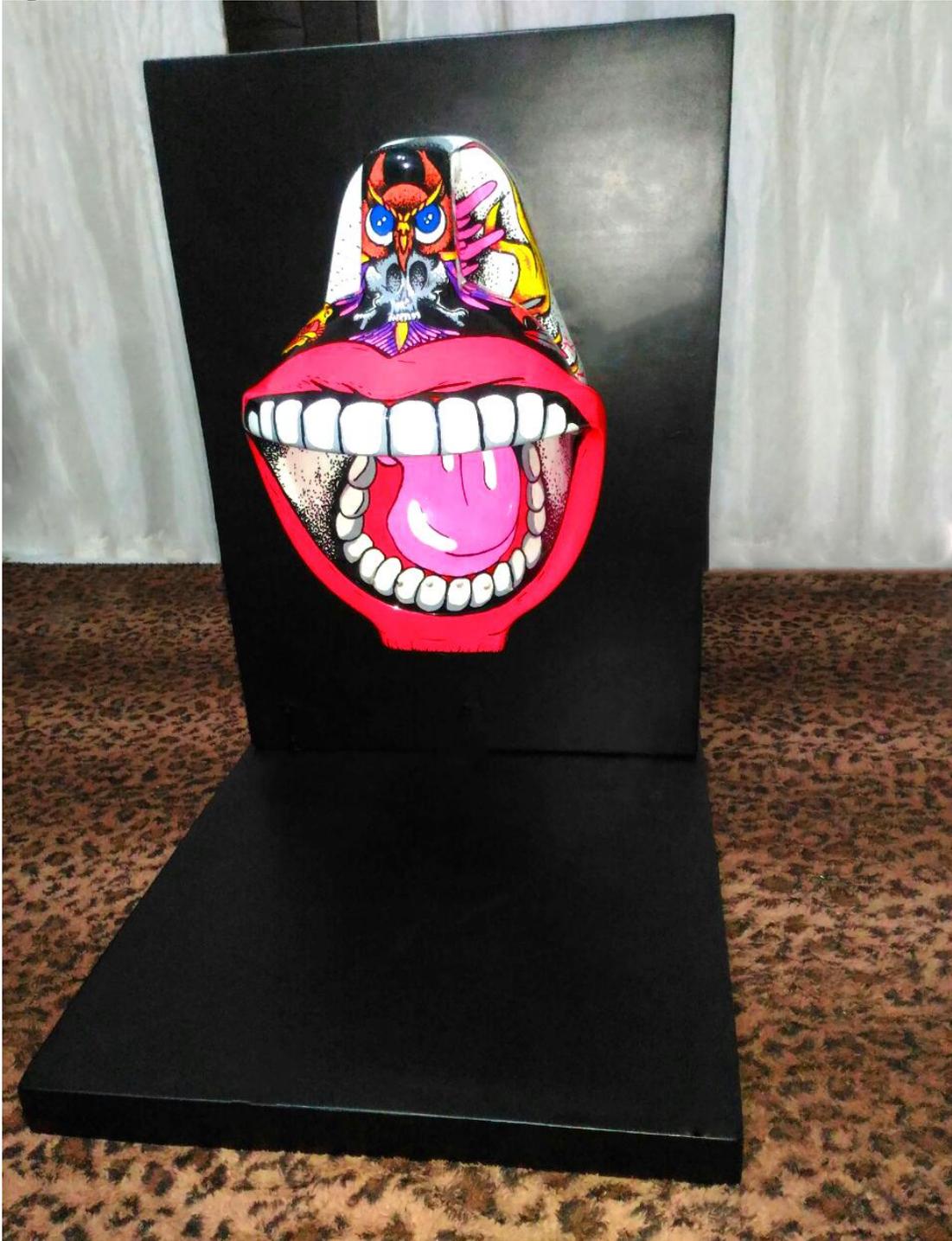
Logo após a confecção dos desenhos e a estrutura montada fiz a fixação da peça na estrutura, finalizando assim a peça por completo (Figura 27 e 28).

Figura 27 - Obra finalizada



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 28 - Obra finalizada II



Fonte: Arquivo pessoal.

Com esse trabalho, mostro um pouco de minha trajetória no curso, tenho a dizer que esse período foi de muita experiência e de conhecimentos novos, amizades novas e principalmente de um novo 'eu', pelo fato dessa peça remeter a uma crítica a alguns fatos da arte contemporânea. Durante esses 4 anos fui absorvendo silenciosamente todos os conhecimentos que me ajudaram a construir e também

algumas coisas que não me ‘desceram bem garganta baixo’, porém agora no meu trabalho de conclusão senti necessidade de extravasar aquilo que me incomodou durante esse tempo de aprendizagem, que é a produção valorizada pelo questionamento de obras malfeitas, sem técnicas e sem interferência artística. Por esse motivo intitulo minha obra como ‘Gritos do Silêncio’, pelo fato de eu ter passado vários anos ouvindo em silêncio, e agora mostrar aquilo que estava “entalado”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo esse tempo de pesquisa e aprofundamento no estudo da arte contemporânea, com base em alguns autores, pude então conhecer um pouco melhor o que realmente ela é, que esse mais novo movimento da arte acabou se tornando intelectual, que é o conhecimento e a percepção das referências dos objetos de arte que vão fazer o observador compreender a obra e as motivações do artista. Inicialmente havia algumas barreiras entre eu e a arte contemporânea, mais fui descobrindo que não seria com ela em si, mas sim com alguns objetos que não apresentavam técnicas para sua execução.

Nessa pesquisa busquei também compreender o pensamento do artista contemporâneo e assim entender melhor muitas coisas que não me agradavam. Meu gosto pessoal por alguns movimentos artísticos continuam os mesmos, não por eles serem denominados como arte, mais sim porque me causam maior fascínio, e de alguma forma originando uma espécie de troca de sentimentos. O que absorvi com essa pesquisa foi a aceitação e o entendimento de alguns novos movimentos artísticos da arte contemporânea.

Então minha frustração com artistas como Duchamp, acabaram ficando um pouco de lado. Pois ao entender melhor suas motivações e seus conceitos, ajudou-me a desmitificar o papel do artista nos dias atuais, que o artista já não necessita de um talento incrível, mais sim das ideias que giram em torno da produção. Perceber esse tipo de sentimento em uma obra me ajudou a diminuir então a contenção que eu tinha em trabalhos que não tivessem o caráter figurativo e que se percebia a não habilidade técnicas do artista.

Então, uma arte que tenha uma ideia inovadora, porém sem ter a técnica empregada, não deixa necessariamente de se tornar arte. Se compreendida pelo público ela pode se tornar um objeto de admiração não somente pelo fator estético, mas também por sua criatividade. Nesse meu novo olhar compreendo arte não mais como somente técnica, mais sim por criatividade nela apresentada.

Concluo então que meus objetivos com essa pesquisa foram atingidos, pois quero mostrar com ela, como alguns critérios em relação a arte foram deixados de lado, como muitas obras que são “mal feitas” e que até não sofreram interferência artística, se tornaram algo grandioso. Meu gosto pela arte continua exatamente o

mesmo, admiro muito e acho extremamente importante uma obra bem executada, mas que também tenha um conceito inserido em sua criação. A união entre técnica e criatividade, isso sempre me agradou e me enche os olhos, porém com minha pesquisa acabei conseqüentemente indo mais a fundo no meu entendimento sobre a arte contemporânea, e compreendi melhor seus conceitos, e sua capacidade de conseguir mexer com os observadores, sendo de forma positiva ou negativa, mas sempre despertando algum sentimento.

Penso também que a arte contemporânea, talvez por ser totalmente aberta e complexa, se torne mais fácil de ser compreendida futuramente, sendo que olhando para os movimentos antigos é fácil hoje descrevê-los. Pelo fato de ainda estar em formação a arte contemporânea ainda está recebendo muitas influencias em suas concepções.

Espero que esta pesquisa e produção artística desenvolvida, possa de alguma forma contribuir para o leitor e também para pessoas envolvidas nesse movimento tão polêmico que é arte contemporânea.

REFERÊNCIAS

ARTE CONTEMPORÂNEA. In: **Toda matéria**. 2016. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/arte-contemporanea/>> Acesso em: 08 maio 2017

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.

BASBAUM, Ricardo. Amo os artistas-etc. In: Políticas institucionais, práticas curatoriais. Rodrigo Moura (Org.), Belo Horizonte, Museu de Arte da Pampulha, 2005.

BARBOSA, Ana Amália. **Releitura, citação, apropriação ou o quê?** In: BARBOSA, A. M. (org.). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. SP: Cortez, 2005. BERGER, John. *Modos de ver*. Trad.: Ana Maria Alves. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1996.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COLE, Jorge. **O que é arte**. 1995. 15 ed, Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995.

CONTI, Flavio. **Como reconhecer a arte Grega**. Lisboa: Edições 70, 1984.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte/a/r/tografia**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2013.

DUCHAMP, Marcel. **“O ato criador”**. In: BATTCKOCK, Gregory. *A nova arte*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ECO, Umberto. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GULLAR, Ferreira. **Argumentação contra a morte da arte**, Rio de Janeiro, Revan, 1993.

HÉLIO Oiticica. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>>. Acesso em: 01 de jul. 2017.

LUCIE-SMITH, Edward. **Os movimentos artísticos a partir de 1945**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MACHADO, Livia. In: **em.com.br**. *Visão das artes segundo Platão e Aristóteles*, 2016. Disponível em: <<http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/enem/2016/08/12/noticia-especial-enem,793593/dia-nacional-das-artes.shtml>> Acesso em: 02 maio 2017

MUNIZ, Vik. **Lixo extraordinário**. Rio de Janeiro: G. Eremarkoff, 2010.

OITICICA, Hélio. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oitica>>. Acesso em: 28 maio 2017.

RIBEIRO JR., W.A. **Vaso François**. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em: <greeciantiga.org/img.asp?num=0281>. Acesso em: 23 abr. 2017.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Desconstruir Duchamp: arte na hora da revisão**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

SONIAMAR. In: **Arte - fonte de conhecimento**. 2010. Disponível em: <<http://artefontedeconhecimento.blogspot.com.br/2010/11/fonte-marcel-duchamp.html>> Acesso em: 02 maio 2017

TRIGO, Luciano. **A grande feira: uma reação ao vale tudo na arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VIK, Muniz. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9203/vik-muniz>>. Acesso em: 28 maio 2017